

## **Prefácio**

Assoma-te pela borda do livro, como um gatinho pequeno escondido na lenha da garagem. Poderás ver os olhos brilhantes e serenos da autora. Ela está a chamar por ti com palavras ingénuas e verdadeiras.

Vou explicar.

Gatos há muitos.

Gato preto e gato branco, gato listrado e gato manchado. Gato rufia e gato aristocrático, gatos fofinhos ou desmazelados.

Gatos há muitos.

Elefantes também ainda há.

Em África e na Ásia, em regiões amplas onde podem abanar as orelhas sem cuidados especiais para não partir a louça da cozinha nem esborrachar as cadeiras quando se querem sentar.

Elefantes ainda há.

Gatos e elefantes tem hábitos muito desiguais. Mas cada qual no seu mundo encaixa na perfeição. É tão simples e ao mesmo tempo tão difícil de explicar! Cada ser no seu lugar,

como o lixo no caixote e o ar limpo para respirar. Parece tão simples e natural e no entanto o plástico nos oceanos continua a acumular.

Gatos e elefantes há, mas um gato-elefante só aqui é possível encontrar.

Mas a questão não fica por aqui. Outra mistura animalésca tenta encontrar um recanto quente no coração das donas de casa, por detrás das palavras brincalhonas e sábias da mãe da escritora, ou mesmo junto ao fogo da lareira onde se aquecem as ideias deste relato.

Mas é melhor não se apressar... parafraseando os ditos da Maria ...Brandão... «tudo começou num fim de tarde de um princípio de verão».

Rodolfo Castro

«O pior contador de histórias do mundo»

Isabel Gonçalves

# História de um elefante e de uma suricata

O meu gato é um elefante.

Grande porte, gordo e com uns olhos pequenitos desenhados na sua cabeça. Normalmente, anda devagar sobre as patas almofadadas com que a natureza o mimoseou. Mas, quando tem de fugir ou perseguir outro gato é capaz de correr a grande velocidade. Ele já é adulto e gosta de andar sozinho. Habitualmente, é pela manhã ou ao início da noite que aparece para comer. Quando se deita parece que o chão estremece e a sua barriga gorda fica a abanar durante vários segundos.



Digam-me lá se o meu gato não é um elefante!

Como é que eu sei tanto sobre elefantes?

Gosto muito de ler. Leio livros de histórias, coleções de aventuras, biografias, livros de banda desenhada, revistas, enciclopédias; leio vários livros ao mesmo tempo. Quer dizer, não é exatamente ao mesmo tempo. Por exemplo, num dia leio um capítulo de uma história e no outro leio partes de uma enciclopédia.

E também viajo muito! Às vezes, faço cada viagem que a minha mãe tem de me mandar regressar depressa, porque já é tarde e tenho de dormir!

Também gosto muito do cheirinho dos livros novos. Depois ficam velhos e já não cheiram da mesma maneira.

Mas não faz mal, porque eu consigo guardar esse cheiro só para mim, na minha memória.

O meu elefante nem sempre foi assim. Tudo começou num fim de tarde de um princípio de verão, quando o fomos buscar a casa de uns amigos. Segundo eles, aquele era o mais bonito da ninhada. Tinha uma pelagem em vários tons de cinza e o peito muito branquinho, como se tivesse um casaco de fraque desaperchado a deixar ver a camisa branca muito bem lavada e engomada. O rabo era listrado. As listras tornavam-se gradualmente mais finas, no sentido contrário à ponta, numa perfeição que impressionava.